

**SOCIEDADE CULTURAL EDUCACIONAL DE ITAPEVA
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS E AGRÁRIAS DE ITAPEVA**

**A PERSPECTIVA DO LETRAMENTO LITERÁRIO E AS
RELAÇÕES COM A LITERATURA INFANTIL NO
AMBIENTE ESCOLAR**

Adriana Pereira

Itapeva – São Paulo – Brasil

**SOCIEDADE CULTURAL E EDUCACIONAL DE ITAPEVA
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS E AGRÁRIAS DE ITAPEVA**

**A PERSPECTIVA DO LETRAMENTO LITERÁRIO E AS
RELAÇÕES COM A LITERATURA INFANTIL NO
AMBIENTE ESCOLAR**

Autora: Adriana Pereira

Prof.^a Esp.: Maria de Fátima Proença de Souza

“Trabalho apresentado à Faculdade de Ciências Humanas como parte das obrigações para obtenção do título de Pedagoga”.

Dezembro / 2014

Itapeva - SP

A PERSPECTIVA DO LETRAMENTO LITERÁRIO E AS RELAÇÕES COM A LITERATURA INFANTIL NO AMBIENTE ESCOLAR

RESUMO - O presente trabalho vem apontar e fazer refletir posturas e práticas pedagógicas escolares que favoreçam ao aluno uma relação prazerosa com a literatura e a prática do letramento, uma vez que a maioria das crianças já chega à escola praticamente letrada. O professor e a escola usam de toda criatividade e entusiasmo para que a leitura proporcione momentos de ludicidade e criação, e desperte a criança para um mundo de magia e, principalmente, da literatura. É evidente a relevância do Letramento Literário no processo de desenvolvimento e entendimento do aluno, na medida que a leitura é ampliada, sendo que a escola tem um lugar de destaque e privilégio ao incentivo dessa prática. Através de atividades de leitura e trabalhos pedagógicos feitos em classe, é possível tornar o aluno um verdadeiro leitor, com contato direto com as obras, autores e, sobre tudo, com a interpretação. Dessa maneira formam-se leitores preparados para viver as práticas sociais do seu dia a dia. Destaca-se, também, a proporção de responsabilidade do professor na formação do aluno-leitor, fazendo-o refletir acerca da influência que exerce sobre a formação leitora do aluno, fora e dentro do ambiente escolar, onde, nesse processo, o mesmo torna-se mediador e incentivador da leitura.

Palavras-Chave: Influência do Professor, Literatura Infantil e Letramento Literário

PERSPECTIVE OF LITERARY LITERACY AND ITS RELATIONS WITH INFANTILE LITERATURE AT SCHOOL ENVIRONMENT.

ABSTRACT – Considering that, most children arrive at school practically literate, attitude and pedagogical practices in order to create conditions to establish pleasurable relation with literature and literacy must be reflection target of the school team. To point out and to provide those reflections is the aim of this work. Both teacher and school are so creative and enthusiastic in order to provide ludic and creative moments to their pupils, at the same time, arouse them for a magical world through literature. It is very clear the relevance of the literary literacy on the student's development and understanding process insofar reading is amplified and school has prominence and privileged place when responsible for stimulating this practice. It is through reading and pedagogical work in classroom also direct contact with authors and its works and interpretation abilities as well, that students can become a true reader. This way they become more prepared to act as capable reader living social issues day-after-day. Teacher's responsibility on the reader-student formation must be emphasized at the single moment this one mediates and encourages lecture in and outside the school walls and its influence has to be point of reflection.

Keywords: Infantile Literature, Literary Literacy and Teacher's Influence

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por ter me dado forças e capacidade para chegar até aqui, pois sem ele, com certeza não conseguiria.

Aos meus filhos Guilherme e Izabella, pela compreensão, carinho, pois grande parte do meu tempo foi dedicada aos meus estudos.

Ao meu marido Fernando, que me apoiou desde o início, me incentivando para que eu não desistisse dos meus objetivos.

Não posso deixar de agradecer a minha orientadora Maria de Fátima pela dedicação e profissionalismo, fazendo com que acreditasse que era possível.

A todos os meus amigos de curso: Elisandre, Aldenia, Camila Teixeira, Taciane, Vanessa Justino, Rejane, Polyane, Ana Paula e Aryane.

Professores, coordenadora Rosemeire, que me incentivou desde o começo, enfim, a todos que, de alguma forma, contribuíram para que eu chegasse ao fim deste curso.

Deus abençoe a todos!

“Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender”

(Paulo Freire)

SUMÁRIO

	Página
<u>1. INTRODUÇÃO</u>	8
<u>2. ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO</u>	10
<u>2.1 A literatura infantil na sala de aula</u>	12
<u>2.2 O espaço de leitura</u>	17
<u>2.3 Letramento literário e o ambiente escolar</u>	21
<u>2.4 A importância do professor leitor</u>	29
<u>3. MATERIAL E MÉTODOS</u>	32
<u>4. RESULTADOS E DISCUSSÕES</u>	34
<u>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS</u>	37
<u>6. REFERÊNCIAS</u>	39

1. INTRODUÇÃO

No processo de alfabetização e letramento a criança inicialmente apropria-se de língua escrita por meio de associação entre letras e sons, a partir daí desenvolve práticas de letramento, e passa também a dominar o sistema alfabético, favorecendo assim sua habilidade leitora, passando a ser considerado um sujeito letrado.

Como o letramento está muito presente nos dias de hoje, até mesmo fora das escolas, exemplo no ambiente familiar, entre outros, o que se nota é um mundo repleto de estímulos visuais, por onde se olha há propagandas, folhetos, jornais, ou seja, as crianças desde muito pequenas são inseridas num mundo letrado, então é natural que as mesmas se interessem em descobrir o que diz nos livros de história infantil, contos, fábulas, revistas, no colorido da capa, etc.

Ao abordar esse tema procurei embasamento teórico para explicar que a alfabetização e o letramento andam juntos, e que ocorrem normalmente na educação infantil, e que devemos aproveitar essa sede deles por conhecimento que é grande e favorável a prática do letramento.

A referida pesquisa teve como finalidade buscar nas bibliografias existentes, teorias que nos levam as reflexões sobre o letramento literário no ambiente escolar, e a necessidade de se pensar na formação de alunos letrados a partir de uma análise fundamental sobre o letramento.

Nesse propósito fazer reconhecer o papel da literatura sobre a intervenção do professor na formação do aluno leitor, nas escolas e em sala de aula, para que seja, aptos a vida em sociedade.

Buscou-se analisar o modelo de escolas que praticam esse letramento, sendo a pesquisa um fator determinante para a reflexão do seu trabalho pedagógico pautado na verificação a percepção e na resolução de problemas que fazem parte do letramento literário. A busca pela pesquisa foi voltada para a análise do

letramento como caminho para repensar a formação do aluno leitor é que constitui seu prazer na leitura e na diversidade textuais.

Compreende-se que o prazer da leitura contínua nos anos iniciais, prepara o indivíduo para a construção do caráter, e na formação de sua identidade.

Percebe-se ainda que há uma grande relevância em trazer uma reflexão sobre a prática do letramento literário, discussões sobre a questão do papel do professor na influência do aluno, e melhor forma de inserir essa atividade nos currículos como fundamental para a formação do indivíduo.

Sendo nossa sociedade letrada, a leitura tem sido objeto de discussões pois favorece á formação do sujeito social. A leitura é fundamental sendo responsável pela formação do cidadão, pois quem lê bem obviamente escreve bem, entre outros.

O letramento representa nas escolas a importância de se ter um espaço próprio e reservado para esse fim, sempre levando em conta os conhecimentos que os alunos já trazem consigo, ou seja, já que chegam as escolas praticamente letrados. Deve ser um espaço apropriado , onde se instigue a curiosidade do pequeno leitor, com variedades grandes de livros para que se manuseie e escolham conforme a sua vontade, enfim, um espaço que seja favorável a prática do letramento.

Nota-se que o professor deve ser totalmente leitor, tendo conhecimentos específicos em literatura e obras diversificadas para apresentar aos alunos livros que agradem a todos, pois é normal que cada um tenha sua preferência.

2. ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO

Para falar do letramento dentro do contexto escolar faz-se necessário envolver juntamente a esse assunto, o processo de alfabetização.

Conforme Araújo (1996) pode-se conceituar a alfabetização como o domínio e aprendizado do alfabeto, onde o mesmo é usado como código de comunicação, ou seja, saber ler e escrever e também reconhecer os símbolos gráficos da linguagem verbal. Nessa fase a criança só decodifica e codifica o sistema de escrita, a partir do momento que vai desenvolvendo a capacidade leitora e escritora, passa a dar sentido ao que se lê e escreve.

Para o processo de alfabetização é indispensável oferecer aos alunos uma diversidade de textos. Uma boa estratégia é usar materiais que façam parte da vida social do aluno e do seu meio, isso propicia a alfabetização (ARAÚJO, 1996).

Por outro lado Soares (2005) relata que a alfabetização é uma representação de fonemas e grafemas, onde a criança estabelece relação entre os sons e letras que fazem parte da língua portuguesa. A partir dessa compreensão o indivíduo passa a entender o mundo, a considerar a comunicação, a observar o conhecimento do mundo social. Quando o mesmo adquire a capacidade de entender a importância de conhecer os sons das palavras começam a associar o processo de leitura e escrita.

Destaca a autora que se deve levar em conta o conhecimento prévio dos alunos quando os mesmos chegam à escola. Ressalta que as crianças que têm mais contato com uma variedade de gêneros textuais, como: receitas, histórias, brincadeiras, entre outros, se apropriam da leitura e da escrita de forma mais intensa e viva, devendo ser respeitado qualquer tipo de comunicação e cultura, tornando-se um processo de natureza sociolinguística (Id ibid, 2005).

A palavra letramento foi usada pela primeira vez no Brasil por Mary Kato em 1986 que aborda uma concepção psicolinguística para estabelecer o fato na qual as pessoas aprendem a ler e a escrever, mas não usam essa prática socialmente,

dessa forma não se tornam capacitados para usá-la como letramento. Daí por diante foi reinventada essa palavra letramento na qual se viu a necessidade diante dessa nova concepção de ser letrado, ou seja, dominar a leitura e a escrita e usá-la frequentemente. Um indivíduo letrado tem outra condição cultural e social, pensa diferente, tem outra visão de mundo. Com isso surgiu a importância de diferenciar o que é alfabetização de letramento. Dessa forma o letramento passou a ser uma obrigação cultural, econômica e política, o indivíduo além de ler e escrever dedica-se a prática da leitura em seu dia a dia, refletindo não só sobre ela, mas também sobre suas produções escritas (KATO, 2009).

Letrar-se exige uma prática diária, uma atenção maior do indivíduo. Essa aquisição é composta de diversos fatores que interferem diretamente no processo. Gostar de ler, usar essa prática na vida cotidiana, ter habilidades de leitura, descobrir maneiras diferentes de linguagens, serem crítico no que está lendo, desenvolver variadas formas de conhecimento, de discursos, melhorar a autoestima e a segurança ao ler textos e livros, respeitar a função que o letramento desempenha adquirindo outros métodos de leitura, são apenas alguns desses fatores (ROJO, 2010).

Referindo-se ainda ao tema, Soares (2002) diz que letramento nada mais é do que o sujeito além de saber ler, saber escrever e corresponder adequadamente às situações sociais da leitura e da escrita.

“É esse pois, o sentido que tem letramento, palavra que criada traduz “ao pé da letra” o inglês literacy: letra, do latim littera, e o sufixo-mento, que denota o resultado de uma ação (como, por exemplo, em ferimento resultado da ação de ferir). Letramento é, pois, o resultado da ação de ensinar ou de aprender a ler e escrever: o estado ou a condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter-se apropriado da escrita” (SOARES, 2002, p. 18).

Ser apenas alfabetizado não é suficiente. É preciso atender também as necessidades de se sentir incluído na sociedade, se apropriando da leitura. Dessa maneira a alfabetização e o letramento são dois processos distintos que têm que

andar juntos. Apesar de serem conceitos totalmente diferentes estão interligados, o que nos permite afirmar que é possível alfabetizar letrando (SOARES, 2002).

Hoje a vida social exige cada vez mais pessoas letradas, indivíduos que necessitem aprender a ler e a escrever, mas que também incorporem em seu dia a dia as práticas sociais, onde a apropriação da leitura de jornais, revistas, bulas de remédios, escreverem cartas, encontrar informações em catálogos, ver uma conta de luz, são requisitos essenciais para se viver em sociedade (Id ibid, 2002).

Segundo Assunção (2009) pode-se proporcionar maneiras agradáveis e prazerosas, ao mesmo tempo desafiar os alunos a buscar o letramento, mostrando-lhes formas de aprendizagem e textos dinâmicos que os incentive à leitura em sala de aula, pois a criança ainda pequena, inserida no mundo letrado, passará a valorizar as práticas de leitura e escrita em sala de aula.

A relação afetiva entre o educador e o educando é de grande contribuição para a formação literária do aluno, pois proporciona interesse e curiosidade quanto ao ato de ler. Espera-se do leitor uma visão de que ao ler possa extrair informações para si, a leitura implica em entendimento, dedução, antecipação em relação ao autor e ao que se está lendo; é dar sentido ao texto, relacioná-la a outro tipo de leitura e a diversos gêneros textuais. Isso tudo forma leitores maduros e competentes (Id ibid, 2009).

2.1. A LITERATURA INFANTIL NA SALA DE AULA

De acordo com Zilberman (2005), um bom livro agrada a todos os gostos, tanto de crianças como adultos, e quando isso acontece o leitor volta a lê-lo novamente. É o que acontece com a literatura infantil; quando o leitor gosta do livro ele o guarda em sua memória, como se tivesse uma biblioteca interior. A autora refere-se à literatura infantil como sendo o que se lê na infância, o que ouve antes de crescer.

Um escritor cria suas obras a partir de experiências com a leitura, sendo infinitos os gêneros e textos, tendo liberdade para usar a imaginação e enredos diversificados, atentando para que a obra tenha coerência e mexa com o leitor,

respeitando sua bagagem de conhecimentos prévios. Isso é importante para que não se rompa os vínculos e cause choque entre quem lê e quem escreve, e para que o leitor se identifique com a leitura, não rejeitando a obra (Id ibid, 2005).

No final do século XIX, descreve Zilberman (2005) que surgiram os primeiros livros escritos no Brasil, e escritores como Erico Veríssimo, Jorge Amado, Carlos Drummond de Andrade, entre outros, e que produziram obras de excelente qualidade feitas para várias gerações.

Nessa mesma época, o progresso favoreceu o aumento da variedade de culturas e etnias, e na sociedade predominava-se a classe média, que exigia mais liberdade política, variedades de negócios, dinheiro mais acessível, bem como a busca por mais oportunidades educativas, tais como livros destinados a esse grupo distinto, ou seja, um grupo social em desenvolvimento (ZILBERMAN, 2005).

Nessa época houve uma cobrança maior do mercado por livros destinados especificamente para o público infantil, e a maneira encontrada foram: traduzir obras estrangeiras; adaptar para os pequenos leitores obras destinadas originalmente aos adultos; reciclar material escolar, já que os leitores que formavam o crescente público eram igualmente alunos e estavam se habituando a utilizar o livro didático; apelar para a tradição popular, confiando em que as crianças gostariam de encontrar nos livros, histórias semelhantes aquelas que mães, amas de leite, escravos e ex escravas contavam em voz alta, desde quando elas eram bem pequenas (Id ibid, 2005).

Nesse mesmo contexto Zilberman (2005) fala que esses recursos não foram criados pelos brasileiros, e sim pelos europeus, no qual ofereciam também normas para escrever para crianças. Algumas obras foram passadas e conhecidas pelo público infantil, tais como: Robinson Crusóé, de Daniel Deffoe e Viagens de Gulliver, de Jonathan Switt, publicado em 1719, e o outro em 1726, que foram simplificados para as crianças inglesas, e ainda hoje percorrem o mundo com esse formato para o público infantil. A partir daí foram muitas as publicações que adotaram esse modelo, cujo público alvo era a criança.

Não fugindo a regra os escritores brasileiros fizeram o mesmo que os europeus ao inventar a literatura infantil. Os primeiros escritores desse contexto foram Carl Jansen (1823 ou 1829-1889), nascido na Alemanha, veio ainda criança para o Brasil, onde trabalhava como jornalista e professor, e viu a necessidade de

se criar histórias específicas para a literatura infantil, traduziu vários clássicos como Viagens de Gulliver (1888) e essas histórias tinham como leitores os adultos até sua conversão em histórias para as crianças e para a Língua Portuguesa, sendo, posteriormente transformadas em obras dedicadas às escolas (ZILBERMAN, 2005).

Os pioneiros da literatura infantil brasileira foram Carl Jansen, Figueiredo Pimentel, Olavo Bilac, Monteiro Lobato (ZILBERMAN, 2005).

Pensar em crianças e na relação delas com livros literários é pensar no futuro. Devido às novas tecnologias se torna cada vez mais difícil criar na criança uma postura leitora, pois existem outros fatores que dificultam esse trabalho. Assim sendo, a maneira de inserir a literatura nos pequenos também se tornou diferente e deve ser adotada, sem se esquecer de que a oferta de livros e sua utilização pelas crianças devem fazer parte da rotina do currículo e do contexto escolar (GREGORIM FILHO, 2009).

Dessa maneira, a busca por atividades práticas e fáceis, para que sejam desenvolvidas no ambiente da sala de aula, deve propor um olhar diferente à questão das múltiplas linguagens da literatura infantil na sociedade, como poemas, trechos narrativos, textos nos quais os alunos já convivem como: o publicitário, o jornalístico, dentre outros (Id ibid, 2009).

Menciona Gregorim Filho (2009) que através das práticas e experiências do professor nas atividades em sala de aula é possível levar as crianças a ampliar seus olhares para a leitura, transformando-as em leitoras, e formando cidadãos preparadas para o convívio em sociedade.

Rego (1995) destaca a prática pedagógica na escola como tendo duas concepções, que são: a de prevenir os passos da aprendizagem em que a criança deve seguir, ou deixá-las livres para criarem sozinhas. O professor não deve impor demais, nem tanto impor de menos, mas sim deixar que criem por si só e façam suas próprias descobertas e escolhas, sempre as estimulando.

Corroborando com a autora no sentido de que a descoberta não ocorre do nada, a criança tem que ter noção das convenções linguísticas que necessitam dominar, e que ler e escrever são atividades que servem para a necessidade da comunicação (REGO, 1995).

A criança tem total interesse em ouvir histórias. O ato de contá-las para elas é comum, no entanto há uma diferença entre história contada e história lida (Id ibid, 1995).

Relata Rego (1995) para se contar uma história o professor deve deixar um número razoável de alunos na classe para que todos tenham acesso visual da obra que será lida, pois, inicialmente, as crianças prestam atenção às gravuras do livro, e após esta primeira etapa é que a história vai sendo desenvolvida junto com a criança. O professor deve ler vagorosamente, de maneira clara, buscando o interesse de todos, incentivando para que comentem e participem ativamente com perguntas e dúvidas.

Para transformar histórias numa atividade pedagógica, a preocupação deve ser com a qualidade da leitura e com a escolha de bons livros, de maneira que se garanta sua eficácia. Ler na sala de aula tem que ser um hábito, a leitura diária não necessita obrigatoriamente de um livro diferente por dia, mas sim do respeito pela idade dos alunos e seus livros preferidos (Id ibid, 1995).

Outro aspecto levantado por Rego (1995) é que esses livros devem ficar expostos na sala de aula e ao alcance de todos, o ideal é que haja um exemplar para cada aluno, para que estes tenham acesso e o manuseiem. O professor é o mediador e facilitador nesse processo ao incentivar o gosto pela leitura e o interesse das crianças para que se tornem leitores e espectadores da leitura.

Para desabrochar na criança o gosto pela leitura deve-se incentivá-las a produzirem suas próprias histórias surgindo o momento da criação, e desenvolvam seus próprios livros, criando personagens, mesmo que ainda não estejam totalmente alfabetizadas. Através dessas produções poderá se observar as habilidades que possuem para narrar e dar estilo às suas produções orais (Id ibid, 1995).

Terzi (2006) aponta que, para o desenvolvimento do processo de leitura, bem como o desenvolvimento de crianças pequenas, as que tiveram contato com a cultura letrada adquirem uma influência mais significativa no progresso da leitura nos anos iniciais na escola.

Outro aspecto levantado é que as crianças que foram expostas desde pequena no contexto do letramento, reúnem condições de aprender a ler e a escrever com apenas quatro anos de idade. Isto gera um efeito positivo no

progresso da criança, pois praticamente põe por terra o mito de que crianças nessa idade ainda não estão prontas para a alfabetização (Id ibid, 2006).

Ainda nesta mesma linha Terzi (2006), menciona que existe mais de um fator para analisar o processo de aprendizagem da leitura, um deles é a capacidade de decifrar a leitura ao iniciar os estudos, e esse é um elemento decisivo para se transformar num leitor.

Nesse início é preciso que sejam levadas a desenvolver habilidades como a compreensão leitora, a decifração e entendimento de palavras, sendo, conseqüentemente, capazes de intervir no que leem (Id ibid, 2006).

A despeito disso, Terzi (2006), fala que a leitura não se dá do nada, depende da circunstância em que a somatória da importância das palavras dá significado ao texto. É a junção de experiências e diferentes conhecimentos que o leitor carrega consigo, ou que construiu ao longo do tempo.

Essa bagagem ativa a definição das palavras que estão contidas no texto, o que se chamamos de ressignificação, onde só se interessam pelo conteúdo quando os entendem e lembram-se deles; quando as conhecem de textos anteriormente lidos e de sua memória. Toda criança tem seu ritmo, e por isso não evoluem todas ao mesmo tempo. O caminho da construção do conhecimento é diferente dependendo de cada aluno, mesmo que elas apresentem o mesmo ritmo de leitura (Id ibid, 2006).

Terzi (2006) considera que o leitor, em primeiro lugar, constrói em sua memória mental um processo de compreensão, coleta dados linguísticos, mobiliza conhecimentos adquiridos anteriormente como, crenças, experiências, etc. Essa suposição contextual não vem do vácuo, mas de contextos socioculturais que são: funcionalidade, pragmática, interacionista e situacional.

A funcionalidade quer dizer que as dimensões sociais do discurso interagem com as dimensões cognitivas, onde o leitor constrói mentalmente o texto junto com o contexto social (Id ibid, 2006).

Ainda nesta linha Terzi (2006), fala que a pragmática é aquilo que o leitor constrói no ato da fala, no momento que se envolve com o texto. Já o interacionista é o ato da fala com a interpretação do discurso no processo global que ocorre entre os participantes.

E por fim Terzi (2006) descreve que o situacional é uma situação social onde o discurso está relativamente ligado a normas e valores gerais.

Partindo-se dessas conclusões, nota-se que a compreensão envolve atos da fala, da comunicação, interagindo com o método do discurso, fazendo parte de um processo onde o leitor interpreta as ações do autor (Id ibid, 2006).

Dentro desse contexto Terzi (2006) vê que o recurso engloba a elaboração dos atos da fala da comunicação como um todo. Essas representações relacionam-se com o discurso em si, e a compreensão do objeto lingüístico não deve ser só passiva, mas fazer parte do processo interativo, onde a pessoa que está lendo deve interpretar ativamente as ações e intenções do autor.

Pode-se ver que é nas palavras que se faz a associação do recurso do sentido, pois delas vem às experiências e conhecimentos do leitor; são as palavras que dão sentido ao texto (Id ibid, 2006).

Como faz notar Terzi (2006), no início da linguagem escrita, a criança encontra desafios, pois ainda não abstraiu o som das palavras, ou seja, a escrita só será fluente se trouxer consigo uma linguagem oral bem desenvolvida.

Nas crianças menores a linguagem se dá através da convivência com adultos, adquirem conhecimento da vida cotidiana e o traz consigo para a escola. Nessa fase é importante a leitura do adulto com a criança, pois podem discutir os conteúdos das histórias, construindo e dando sentido ao texto (TERZI, 2006).

Quando a criança leitora passa dessa fase de interagir com a leitura do adulto, se vendo sozinha, consegue desenvolver a leitura individualmente, marcada por dois momentos: o primeiro acontece quando vê o texto como uma fonte de informações textuais, e consegue sozinha reconstruir as partes do texto que mais lhe interessa; no segundo, utiliza o texto como uma fonte de informações e conhecimentos adquiridos para a construção do sentido (Id ibid, 2006).

2.2. O ESPAÇO DE LEITURA

Descreve Coelho (2000), que a escola deve fornecer aos alunos um ambiente onde favoreça e dê suporte para formar alunos leitores, para que estes tenham maior contato com uma grande variedade de livros e textos, colaborando assim para que ampliem sua visão de mundo ao mesmo tempo em que oportunize conhecer o mundo dos outros e, finalmente, tenham o conhecimento do estudo da língua.

O espaço de leitura não precisa ser um ambiente controlador nem condicionante, cercado por muitas regras, mas sim um espaço acolhedor, orientado por pessoas com conhecimentos em livros específicos, para que estes sejam apresentados aos educandos, permitindo-lhes uma relação com o mundo da cultura (Id *ibid*, 2000).

Comenta Coelho (2000) que na execução com a literatura e a representação verbal, o espaço deve variar em dois recintos: um de estudos programados, neste caso entra a sala de aula, biblioteca para pesquisa, etc. E outro de atividades livres, que são as salas de leitura, oficinas de palavras, laboratórios, espaço de experimentação, dentre outros.

Ainda segundo o autor, associar o tradicional ao novo deve ser uma postura comum do professor, pois este deve ser crítico ao selecionar os textos literários, alternando entre aqueles já consagrados e os da literatura contemporânea, valorizando, dessa forma, as novas publicações (COELHO, 2000).

Coelho (2000) ainda aponta que a escola é o local cuja atmosfera favorece e alicerça o processo cultural e social. Por essa razão, juntamente com o professor, tem a responsabilidade de apresentar a literatura infantil como forma de proporcionar o entendimento do aluno, esta é um agente formador da consciência de mundo e leva a três direções: literatura, realidade social e docência, os três desenvolvem-o como leitor, como cidadão, e como profissional, respectivamente.

Os espaços de apoio à leitura determinam as situações locais, espaciais e concretas, favorecendo o sucesso do leitor, ao mesmo tempo em que valoriza e dá importância ao mundo real, aquilo que acontece na vida do indivíduo (Id *ibid*, 2000).

Destacam as autoras Silva e Martins (2010) que o ato de aprender a ler é estabelecido em sociedade e na escola. Sendo assim, a leitura torna-se um hábito, e o espaço escolar, um agente de letramento.

Grande parte da população aprende a ler na escola, porém, há casos em que os indivíduos aprendem a ler em outro espaço que não seja a instituição escolar. São leitores que, desde muito cedo, convivem em um ambiente letrado, como a própria casa, bibliotecas públicas, e por isso, estabelecem contato direto com leitores mais experientes (SILVA; MARTINS, 2010).

Considera Silva e Martins (2010) que as práticas de leitura na escola, fechadas em uma rotina vinculada pelo professor em forma de exercícios, trechos de livros para serem lidos e interpretados se torna pouco abrangente, tornando complexa a apropriação dos sentidos dos textos, fragmentando, dessa maneira, o entendimento e o desempenho do aluno.

Um aspecto levantado é a necessidade dos estudos linguísticos para a menção de três concepções: práticas, onde a linguagem é uma demonstração genuína do pensamento; a linguagem, como meio de comunicação, cuja função é conduzir conhecimentos; e por último, a intervenção da qual o texto é lido e a linguagem como forma de comunicação, estabelecendo-se responsabilidade entre narrador e interlocutor, intermediado pela prática social, onde a leitura passa de decifração para uma ação que abrange e dá sentido ao texto (Id ibid, 2010).

Enfatiza Cosson (2006) que a existência do espaço de literatura na escola já é um tema bem discutido e que não se faz necessário reivindicá-los nos currículos escolares e na sociedade. O uso da literatura neste ambiente é muito antigo, e era usado como matéria de formação, ensino e aprendizagem de diferentes civilizações.

Relata o autor que no Egito Antigo, a educação dos escribas baseava-se em exercícios e cópias de textos literários, e que os faraós se distraíam com as escritas da época, e com o trabalho de aprendizagem desses jovens escribas (COSSON, 2006).

Mantém Cosson (2006) que entre os romanos na Antiguidade, a literatura era tida como parceira na vida pública, e na preparação de jovens em exercício. Realizavam estudos dos textos literários para o aprendizado da arte de falar bem e se expressar em público. Para esses, o estudo da literatura era uma Arte Poética.

A junção entre poesia e contextos literários no uso educativo virou uma tradição nas escolas, e passou do latim e grego às línguas modernas estrangeiras, e o espaço da literatura no ambiente escolar era igual ao ensino da leitura, formava o aluno culturalmente e socialmente (Id ibid, 2006).

Cosson (2006) afirma que as escolas dessa época eram para a elite, e os alunos aprendiam a ler desde contos infantis a obras mais complexas. Com a aquisição da leitura e da escrita, obtinham uma linguagem culta, e associavam o diálogo entre a cultura do passado com há do seu tempo, formando elos entre a sociedade, língua e escola.

A literatura foi se transformando com o tempo. Com o crescimento dos alunos de todo tipo de classes sociais nas escolas, e ouve a falência da educação para alunos de elite foi quase que inevitável (Id ibid, 2006).

Relata Cosson (2006) que a língua materna rumou para outros caminhos linguísticos, foram apagados valores estéticos e políticos. Devido a essa mudança o ensino da literatura foi se confundindo, sendo os textos literários deixados de lado para dar vazão a uma gramática frustrada da língua e ao que era considerado importante ao currículo escolar.

Os livros serviam, casualmente, para conflito de temas de textos, sendo estes impostos e organizados pelos professores, escolas e currículos. Dessa maneira a prática da leitura e sua tradição perderam a força e os textos literários passaram a ser substituídos por trechos de jornais, propagandas, receitas, e todo tipo de contexto que poderiam ser utilizados para o ensino da leitura nas salas escolares (Id ibid, 2006).

Cosson (2006) destaca que a partir daí, as escolas não conseguiram mais lidar com o ensino da literatura, perdeu-se o jeito e a maneira de incentivar a formação literária do aluno. Este não foi propriamente o fim da literatura, mas as obras passaram a ser usadas sem aproveitamento, esquecendo-se que o ato de ler leva o leitor a um tipo de aprendizagem.

O ato de ler sem propósitos foi aos poucos dando lugar à percepção e, a partir da relação entre ensino e literatura, educadores e pesquisadores reforçavam a importância da leitura literária para formar leitores, enfatizando a obrigação que as escolas tinham em adequar os textos literários na sala de aula (COSSON, 2006).

Para enfatizar, com base nesses percursos, Cosson (2006) destaca a relevância de se ter um espaço próprio para a literatura na sala de aula, e que essa prática se torne significativa, desde o momento em que se apresenta a leitura de obras como tendo papel fundamental a ser cumprida nas escolas e nas salas de aula, e com a intervenção do professor ao incentivar essa prática, a literatura vai se

tornando um meio de formar leitores críticos e preparados para desfrutar desse conhecimento enriquecedor do repertório discursivo.

Por esse motivo o espaço de leitura enriquece e amplia a cultura do aluno leitor (COSSON, 2006).

2.3. LETRAMENTO LITERÁRIO E O AMBIENTE ESCOLAR

Sustenta Cafiero (2010) que cabe a escola inserir o aluno e apresentar formas para que o mesmo ingresse no mundo da leitura, objeto de ensino na sala de aula. O aluno tem que compreender que a leitura vai além de decodificar. Ler constitui em dar sentido à leitura, compreender o texto, refletir sobre o que se está lendo, analisar, saber criticar e usá-lo para a vida.

O professor deve organizar a aula favorecendo os momentos de leitura de maneira que a criança sinta prazer adquirindo o hábito de ler, criando estratégias que possibilitem uma boa compreensão do texto (CAFIERO, 2010).

Reforçando esse assunto Cafiero (2010) ressalta que a aula de leitura tem como objetivo beneficiar os alunos, apresentando-lhes livros interessantes, com vocabulário enriquecido, onde possam opinar e confrontar suas ideias, deixando-os a vontade para questionar sobre o que se está lendo, além de desenvolver no aluno a capacidade de inferir informações através da leitura, explorando qual a intenção do autor ao escrever o livro ou o texto, conhecer o autor e se conectar diretamente com ele, não apenas ler por ler, sem propósitos, mas trazer a literatura para a vida cotidiana; mobilizar conhecimentos para buscar propostas, ideias, aprender a formular perguntas que serão utilizadas como meio de comunicação.

Para Cafiero (2010) a leitura literária tornou-se de difícil adaptação e aceitação, pois existem outros meios que dificultam esse hábito, tais como: o celular, a internet, a televisão, esses recursos acabam tirando do foco, a importância da literatura literária.

Quando uma pessoa tem conhecimento do assunto que está lendo, relaciona melhor as informações e faz uma junção dos conhecimentos. Outro ponto a ser

ressaltado é conhecer o contexto da leitura, os diferentes gêneros e suas peculiaridades. Isso faz com que goste da leitura e a compreenda melhor. Outro tipo de conhecimento é saber para quem se está lendo, qual o contexto? Se é carta, artigo, crônica, etc (Id *ibid*, 2010).

Sugere Cafiero (2010) que uma boa aula de leitura depende muito de um bom planejamento. Este por sua vez deve priorizar um conjunto de habilidades presentes no Currículo de Língua Portuguesa estabelecidas pelos Parâmetros Curriculares Nacionais e/ou Programas Estaduais e Municipais de Leitura e Escrita.

O Letramento Literário é a ação da prática da leitura, onde o leitor e os escritores conversam entre si através de textos e livros, na escola e fora dela, envolvendo-se no processo de aprendizagem. A falta de interesse pela leitura ou contexto que está lendo, gera no leitor o desinteresse, fazendo com que o mesmo tenha aversão à leitura (CAFIERO, 2010).

Descreve também Cosson (2012), que sendo uma prática social o letramento literário deve ser ensinado na escola, em um ambiente favorável à leitura, e que incentive diferentes textos, ao mesmo tempo em que promova a atividade de interpretação e compreensão do que se está lendo, possibilitando ao leitor um contato quase que direto com o autor, criando experiências significativas de leitura, tornando-a um hábito rotineiro e agradável.

As escolas devem fazer com que os alunos explorem a leitura, daí a necessidade de criar espaços literários. A leitura é uma troca de sentidos para o escritor, leitor, e para a sociedade em geral, pois a partir dela têm-se visões do mundo. Ao ler, a pessoa viaja, se transporta para vários mundos, é uma troca constante de experiências. Os textos literários despertam os sentimentos (COSSON, 2012).

Cosson (2012) explica também, que a leitura tem, ainda, que ser compartilhada, pois para cada um, a cada vez que lê um livro, a interpretação e compreensão acabam acontecendo de diferentes formas, depende do sentido e maneira como se exploram seus aspectos. O letramento literário ajuda a pessoa a ler melhor, sendo, portanto, fundamental na escola e, no processo educativo, pois favorece um mundo que é feito de linguagem.

A leitura é um processo cognitivo e social, e pode ser dividida em três grupos: o primeiro é o processo de extração, e essa passa por dois níveis: o nível das letras e palavras e o nível do significado (Id ibid, 2012).

Aponta Cosson (2012) quando essa extração é concluída, dá-se início a leitura, a mesma torna-se dificultosa quando o indivíduo não consegue entender as letras e palavras que se extrai dos textos lidos, isso o impede de evoluir, de mudar de nível e grau de leitura.

O aluno tem que decodificar o texto, só assim ele passa a entendê-lo. Já o segundo se refere às abordagens dos textos lidos. É o que dá sentido ao texto, ou seja, idéias passadas, o que cria e elabora hipóteses, adere o mesmo ao mundo do leitor. O autor tem que chamar o leitor para se interessar pelo discurso e levá-lo para uma construção social, fazer com que o mesmo domine e consiga dar sentido ao que está lendo (Id ibid, 2012).

Explica Cosson (2012) que o terceiro é os processos conciliatórios, o leitor tem uma importância igual ao texto. Há uma interação entre autor e leitor, os mesmos são intermediados. O ato de ler tem que ser algo prazeroso, mesmo que seja realizado individualmente, pois dessa maneira adquire-se certa habilidade de leitura além do prazer das descobertas.

A leitura é um sistema simples de entendimento, para tanto, são necessários três passos: o primeiro é a antecipação, o leitor faz observações antes de entrar no texto, investigando o que se pretende ler, ou seja, analisa sua materialidade, a capa, o título, quantas páginas contêm, avaliando-o antes mesmo de iniciar a leitura. Já a segunda fase ocorre à decifração, que nada mais é do que o domínio das letras e das palavras (COSSON, 2012)

Cosson (2012) esclarece que, para um leitor que já se familiariza com o texto essa decifração se torna fácil. Contudo, para os que não foram devidamente alfabetizados, esta não é uma tarefa simples, depende, além de outros fatores, de certo domínio da leitura.

O terceiro passo é quando ocorre a interpretação. É o que chamamos de sinônimo de leitura, etapa onde o leitor processa o texto, começa a fazer relações com a leitura e o espaço que frequenta, passa a dar sentido e dialoga com o texto, atribui limites ao contexto, devendo estar ligados textos e leitor, para que comecem

a ter sentido, e cada um a sua maneira, além de interpretar livros e outro tipo de leitura, de acordo com suas vivências e experiências pessoais (Id ibid, 2012).

Cosson (2012) enfatiza também que a leitura engloba três tipos de linguagens: a primeira é a aquisição, que se baseia no conhecimento do mundo por meio de palavras; aprendizagem de literatura, que abrange os conhecimentos adquiridos com a história; e por fim teoria e crítica, que nada mais é do que o quanto a pessoa aprende e, conseqüentemente, se transforma, desenvolvendo determinada aptidão, adquirida com a prática da leitura.

As atividades de leitura literária em sala de aula devem considerar o recurso de letramento literário, e não unicamente a apreciação de obras. A leitura tem que ser um hábito praticado pelo leitor, depende do professor estimular essa vontade de disposição crítica, que leve os alunos a dominar a aquisição por textos literários. Devem, ainda, fortalecer a seleção de obras para a leitura em sala de aula, agregando teoria e prática, elementos fundamentais nesse processo (Id ibid, 2012).

Indaga Cosson (2012) que outro ponto a ser levado em consideração, diz respeito a englobar atividades de leitura com escrita, e também com a oralidade, em conjunto com o ensino da língua materna, não havendo necessidade lógica de se isolar o ensino da literatura do ensino da língua portuguesa, pois uma dá continuidade à outra.

O segmento fundamental do letramento literário na escola é composto por quatro conceitos que são: motivação, introdução, leitura e a interpretação (COSSON, 2012).

Cosson (2012) esclarece que a motivação é uma antecipação agradável de leitura, a apresentação do professor favorecendo e conduzindo o leitor a um espaço de livros que seja agradável aos olhos do aluno, preparando-o para entrar no texto, incentivá-lo para conhecer a obra, estreitar e desenvolver laços com o conteúdo a ser lido, fazer com que o aluno tenha condições de escolher um tema de sua preferência.

Motivar baseia-se em dialogar com os alunos sobre as distinções entre o mundo dos adultos e o das crianças, a motivação prepara o indivíduo para perceber o texto, influência nas perspectivas do leitor, mas não tem o controle de definir sua leitura, ou seja, essa influência no incentivo da motivação é bem vinda e ajuda o professor a realizar trabalhos diferenciados com seus alunos, deve-se prestar

atenção para que esse professor não prejudique o aluno com sua motivação excessiva ao letramento literário dos alunos, cabe a ele intervir ou não nesse sentido (Id ibid, 2012).

Ainda nessa mesma linha Cosson (2012) diz que outro ponto levado em consideração é englobar atividades de leitura com escrita e também com a oralidade, junto com o ensino da língua materna, pois não há necessidade lógica em isolar o ensino da literatura do ensino da língua portuguesa, uma dá continuidade à outra. Essa motivação ao letramento literário não deve ser muito prolongada, deve existir um limite específico de aula, para que a mesma não se torne tediosa e perca o interesse dos alunos.

A Introdução, que é de suma importância para a leitura literária, demanda do professor apresentar o autor e o que realmente interessa para os alunos. O educador deve trazer para os alunos livros interessantes, livros que despertem o interesse da criança e não que seja interessante para ele próprio, leitura boa fala por si só, dispensa apresentação, o professor só deve justificar sua escolha, não prolongar a respeito da obra, junto com o prazer da descoberta, do que realmente acontece no decorrer da leitura, na curiosidade que vai se tendo (Id ibid, 2012).

Cosson (2012) relata que se deve deixar o aluno examinar e escolher a obra a ser lida. Dessa forma conseguirá olhar para os detalhes do livro desde a capa, o colorido, contra capa, enfim os elementos textuais que fazem parte da obra, escolhendo aquela que mais se identifica, a que lhe interessa para ler, independente da idade do aluno.

A seguir vem à leitura; essa etapa deve ter como foco principal o incentivo. Como exemplo, o professor pega um determinado livro, apresenta para a classe e lêem algumas páginas do início e algumas do final, a fim de causar certa curiosidade a respeito do contexto, gerando interesse pela leitura completa da obra. A leitura na escola deve ser feita em conjunto com os alunos, tem que haver um acompanhamento do professor para não perder o foco, o objetivo da leitura (Id ibid, 2012).

Declara Cosson (2012) o texto literário deve se tornar uma experiência única, pautada pelo suspense, pela curiosidade a ser descoberta pelo leitor, deve intercalando “intervalos” entre a leitura, para que haja discussões a respeito da mesma. Através disso o professor consegue perceber algumas dificuldades que os

alunos apresentam como: ler rápido demais, problemas com a interpretação do texto, vocabulário, decifração, neste instante ele pode intervir se necessário, isso passa para o aluno confiança e faz com que ele se sinta capaz e eficiente para se tornar um leitor literário.

E por fim vem à interpretação é o que dá sentido ao texto, e que envolve o leitor, o autor e a comunidade. Ela se dá em dois momentos: a interior e a exterior que são cruciais no processo de letramento literário. A interior é o que conduz a decifração em todos os segmentos com a página, capítulo. É o que acontece no encontro do leitor com a obra, é a experiência que se tem com a leitura literária. Já no exterior é a materialização da interpretação como ato de construção de sentido em uma determinada comunidade (COSSON, 2012).

É a partir daí que se nota a diferença entre leitura literária feita nas escolas das que se dão fora dela. Com base no autor Cosson (2012) o aluno tem que sentir prazer pela leitura, adquirindo conhecimento com o letramento literário, e a escola tem um papel de grande importância nesse processo, ou seja, ela aparece como a principal responsável por formar alunos leitores, críticos, formadores de opinião, e atuantes na sociedade em que são inseridos.

A interpretação deve ter, ainda, como conceito, o registro da leitura, que varia de acordo com o tipo de texto, depende também da idade da criança, ano em que o aluno se encontra na escola, dentre outros (Id ibid, 2012).

Segundo Cosson (2012) cada criança tem seu jeito de explicar um desenho ou uma história, bem como uma maneira de reproduzir uma narrativa. Uma criança de idade mais avançada pode gostar de usar uma música para reproduzir uma história ou um livro de sua preferência. Cada um tem sua maneira de interpretar, pode ser uma maneira que melhor se identifique desde que não altere o registro e o contexto do texto lido.

Para executar o registro da interpretação é preciso que o aluno faça uma reflexão sobre a obra a ser lida, onde se estabeleça diálogo direto entre os leitores da escola ou mesmo fora dela, uma boa maneira de reproduzir o que se está lendo é a resenha, pois dessa maneira ela testa na escrita e sua leitura ao mesmo tempo um processo coeso ao letramento literário (COSSON, 2012).

Nota Cosson (2012), que através do incentivo do professor e das maneiras e ideias que os alunos buscam como contexto de leitura, dentro dos propósitos

estabelecidos e apresentados em classe, a mistura de contextos é uma motivação à introdução do letramento literário na escola e em sala de aula. A relação entre aluno e professor ao incentivo ao letramento literário ainda é o melhor caminho, pois dessa maneira se sente motivado a produzir leituras significativas dos textos literários e aprendizagem sobre a literatura.

Nessa mesma concepção, deparamo-nos com a importância do contexto literário, ou seja, a história em si, pois tal concepção surge a partir do momento onde o educando examina nos livros didáticos a incorporação de sínteses históricas que fazem parte do texto ou da história (Id *ibid*, 2012).

Explica Cosson (2012) que o interesse nas crianças surge também através da intervenção e incentivo dos pais, onde estes passam a ser os mediadores ao ler para os filhos desde a tenra idade, tornando-se um hábito. A partir daí as práticas de leitura vão sendo desenvolvidas pela criança ou leitor, através de ações históricas e culturais, ou seja, vêm de conhecimentos prévios dos pais, comunidades, e até pelos vizinhos em geral.

Para as crianças menores a experiência de clássicos literários universais ajuda e facilita, pois são histórias onde todos conhecem e compartilham tanto no seio familiar quanto na escola. Esses clássicos levam o leitor a conhecer as diferentes dimensões da experiência humana, a imaginação de povos, culturas, épocas, um mundo imaginário, amplia suas visões, esse é um processo que chamamos de experiência de leitura (COSSON, 2012).

Os primeiros contatos a literatura ocorrem de muitas maneiras, e depende das condições econômicas e sociais das crianças, do acesso delas a uma biblioteca, aos livros, a diversidade de gêneros textuais e orais as quais conseguem ter acesso. Contudo a escola ainda é vista como a primeira realidade em que a criança tem seu primeiro contato com livros e textos, que se iniciam as primeiras leituras. Assim sendo a escola é um agente de letramento de grande importância, cujo objetivo é o de promover a leitura e a escrita (MARTINS, 2010).

Menciona Oliveira (2010) que a experiência que a criança tem ao primeiro contato com a leitura de textos literários apresenta duas dimensões: a sensibilidade e o conhecimento.

A sensibilidade ocorre a princípio, quando o indivíduo entra em um mundo imaginário através da leitura, onde se fantasia a história, coloca em ação sua mente

e reflete sobre sua própria vida, sua personalidade, suas crenças e valores, e começa a criar em si mesmo uma personalidade; reflete, ainda, sobre a sociedade a que pertence, é através do autor que o leitor fantasia e viaja no saber, alternando entre o mundo fictício e o real (OLIVEIRA, 2010).

Identifica Oliveira (2010) que não há a obrigatoriedade de acontecer o conhecimento neste processo, isso somente será possível através do saber acumulado ao longo do tempo, das formações e informações que acontecem em sala de aula, tendo a função de auxiliar pedagogicamente nesse processo de aquisição de conhecimento.

O ideal seria se elas mesmas escolhessem a obra a ser lida, pois é preciso que tenham contato com a realidade desse novo mundo, e dependendo do livro escolhido, podem conhecer esse mundo e a vivência do outro; ter contato com outros tipos de experiências, abordarem a realidade do medo, abandono, maldade, entre outros (Id ibid, 2010).

A leitura para Oliveira (2010) é uma maneira de viajar em outras épocas, estilos de vida, ter contato com problemas diferentes dos que vivenciam, enfim adquirir conhecimento em todos os sentidos. A literatura infantil mostra maneiras de viver e ver o mundo, é através desse contexto que se chega ao texto literário.

Essa leitura tem que ser algo agradável como deleite, não deve acontecer como obrigação e imposta por professores, mas sim, que promova o conhecimento e o interesse para que os alunos se tornem leitores críticos e literários (OLIVEIRA, 2010).

Faz notar Oliveira (2010) que a literatura pode envolver textos literários e não literários: os textos literários são aqueles que trazem emoção, paixão; os não literários envolvem os conteúdos escolares, atitudes e posturas do dever infantil, e cabe ao professor a hora de utilizar qualquer um deles, cada um tem seu momento. É através do professor que se estabelecerá essa diferença, e este deve ensinar a criança a percebê-la.

A literatura infantil mundial amplia a fronteira do sentido da criança consigo mesma, a partir do momento em que entra em contato com novas ideias adquirindo conhecimento de mundo, transformando-se em instrumento de domínio linguístico, capaz de criar e propiciar novas possibilidades sociais, existenciais e educacionais (Id ibid, 2010).

Segundo Martins (1982) a leitura pode ser: sensorial, que apresenta características externas à leitura como: manuseio do livro, tato, acabamento da obra, ilustrações do livro, grafia, enfim, a estética geral do livro, tudo que provoca o leitor a curiosidade para ler e emocional: que estimula, provoca uma fantasia, traz à tona as emoções.

Oliveira e Spíndola (2008) salientam que o professor necessita despertar as crianças a construir uma correlação afetiva com a literatura infantil, e aprendam o valor de cada obra, desenvolvam o gosto pela leitura, por histórias, e todo tipo de gêneros literários. O professor tem que ter consciência da importância da literatura infantil para a formação de bons leitores. Não é uma tarefa fácil, pois as dificuldades são muitas devidas ao processo de escolarização dos alunos, todos devem saber que a leitura é uma fonte de conhecimento.

A preocupação que se deve ter é a de ampliar os repertórios textuais dos alunos, estimularem leituras variadas, desenvolver outros meios de atividades em classe, usando outros tipos de gêneros, mas nunca obrigar o aluno ler o que acha ser importante, esse é um processo que pode ter consequências desagradáveis na formação dos futuros leitores; o ideal é criar alunos críticos, conscientes e mais sensíveis, estimulados para conhecer e ler obras de autores diferentes; é ampliar o acesso textual do aluno, sobre os autores, estilos, promovendo estratégias de leitura para serem utilizadas a favor da interpretação textual (LEAL 2006).

2.4. A IMPORTÂNCIA DO PROFESSOR LEITOR

Pode-se dizer que são os professores inicialmente que conduzem as crianças a terem a formação de leitores no universo escolar e social. Nesse mesmo contexto Souza (2008), afirma:

"[...] a leitura compreendida como prática social se insere no espaço escolar como seu lugar instituído, regulamentado e naturalizado, mas, ao mesmo tempo, não pode deixar de refletir as práticas mais gerais de leitura que vinculam o leitor a outros espaços. De maneira

geral, diria que, na sociedade atual, queiramos ou não, somos obrigados a ler. Quando se trata de professores e alunos, a questão de ser ou não leitor se torna, no mínimo, estranha. Quero dizer com isso que, do ponto de vista da escola, essa é uma questão mal formulada. Parece-me que não se trata de não ler, mas do que se lê e como se lê” (SOUZA, 2008, p. 4)

Ao referir-se a importância do professor leitor Silva (2010) diz que, como se vive em uma sociedade em que se depende basicamente da leitura, a mesma passou a ser considerada responsável pela formação do sujeito social.

Silva (2010) constata que os professores ainda não consideram os alunos como sendo leitores, pois leem pouco, e quando se deparam com textos clássicos, apresentam certa relutância, e dizem que só lêem porque são obrigados por motivo de estudar para vestibular, entre outros.

O professor deve ser visto como auxiliador na formação do aluno leitor, é através dele que o aluno passa a gostar de leitura, pois observa a sua experiência pessoal com a mesma. A maneira que ele aplica as atividades, proporcionará contato com o universo letrado, suas atividades executadas em sala de aula refletem de algum modo nas concepções sobre a leitura, chamando a atenção do aluno para a realidade que quer passar (Id ibid, 2010).

O professor leitor deve motivar seus alunos, e sua relação influencia e estreita no processo de relacionamento, facilitando a aprendizagem e o incentivo à leitura de obras e livros diversificados, o mesmo deve ter consciência do seu papel (Id ibid, 2010).

Para a criança o educador é um referencial na formação da personalidade de seus alunos, seu jeito de se relacionar, sua demonstração de princípios, seus valores, e desse modo os livros lidos por ele em classe, servem para despertar no aluno o ato de ler, levando-os a uma atitude crítica da realidade, leva-os a pensar por si, andar e pensar na sua realidade de mundo, e principalmente abrir sua mente para a formação de seu caráter (SILVA, 2010).

O Educador experiente vê na leitura uma ponte para o processo educacional. Ao referir-se a tal assunto, Silva (2010) considera que a escola tem como função a formação de alunos leitores, dessa maneira a educação se torna transformadora, criativa e libertadora, e a escola é a porta que dá acesso a leitura e

consecutivamente ao mundo, sendo assim cabe a ela a inclusão da leitura em todos os aspectos.

O professor deve ter consciência em iniciar as crianças nos caminhos da literatura, ter em mente que o seu papel é mostrar a eles o lado prazeroso que a leitura pode oferecer, atingindo através daí um ensino de mais qualidade, usando também o lado lúdico, dinâmico que um livro pode oferecer (Id ibid, 2010).

Outro aspecto levantado por Silva (2010) é que ao apresentar os livros tem que se levar em conta o conhecimento, histórias e leituras que agradem aos alunos considerando a idade, o enredo, sempre avaliando o impacto que pode e quer causar.

Tendo o educador uma vasta variedade de todo tipo de leitura, ele saberá apresentar com mais precisão o material que melhor se enquadre as necessidades de quem vai ler, tendo experiência saberá proporcionar atividades diversas, que não sejam maçantes à criança, fazendo com que haja compreensão do texto, onde a mesma sinta prazer em explorar a leitura, e a ter curiosidade em terminar a obra (SILVA, 2010).

A função do professor é usar a capacidade e inteligência da criança verificando a maneira que um livro influencia na ação da linguagem, palavras, imagens e como a mesma usa sua mente a seu favor, favorecendo a ampliação e construção da leitura no seu dia a dia, mostrando e apontando o acesso aos livros, fazendo com que elas venham a ter uma visão favorável, usando sua experiência para desenvolver em sala de aula, textos diversificados e de boa qualidade (Id ibid, 2010).

3. MATERIAL E MÉTODOS

Para a elaboração desse trabalho foi realizada revisão de Literatura apresentando estudos relevantes sobre o tema, baseando-se na busca de assuntos existentes e os conhecimentos dos autores que tratam deste assunto, familiarizando com a problemática, com intuito de compreender o tema nas suas mais diversas concepções. Foram realizadas pesquisas bibliográficas tendo como base para esse projeto leituras de livros e artigos nacionais, pesquisas na internet, buscando identificar, analisar e apropriar-se dos componentes necessários ao Letramento Literário. Sobre essa perspectiva, busquei contribuir para o desenvolvimento das habilidades pensando nos alunos como leitores assíduos, que consigam entender e interpretar todos os tipos de gêneros textuais.

Prosseguindo com essa pesquisa, vale à pena destacar a importância que Soares (2005) dá ao dizer que o indivíduo se alfabetiza também através de práticas com leitura e materiais diversos, como: jornais, gibis, livros, sendo que a criança ainda pequena e alfabetizada sabe reconhecer o som das letras e da fala, associando o processo de escrita e leitura.

Reforçando o pensamento acima, Rojo (2010) fala que, gostar de ler e usar essa prática torna o leitor crítico no que está lendo, além de desenvolver com isso formas variadas de conhecimento. Melhoram, ainda, os discursos, a autoestima e a segurança ao se expressar em público. Assunção (2009) diz que cabe ao professor e a escola proporcionar maneiras agradáveis e prazerosas para que o aluno se sinta desafiado à busca pelo letramento. Incentivar a leitura em sala de aula é uma delas, e ter uma boa relação com o aluno contribui para sua formação literária, ao mesmo tempo que forma leitores maduros e competentes.

A intenção foi verificar esse processo de letramento nas escolas, na sala de aula e também contribuir para que a leitura tenha um desenvolvimento amplo e satisfatório por parte dos professores, facilitando esse processo que é essencial para a aprendizagem dos pequenos.

Em relação ao tema levanta-se a questão que as escolas devem incentivar a prática social e o letramento literário, promovendo assim um ambiente específico e favorável, incentivando a utilização de obras diversas, criando experiências significativas de leitura, onde essa experiência torne-se um hábito rotineiro e agradável (COSSON, 2012).

Já para Coelho (2000) o ambiente deve favorecer e dar suporte para os alunos leitores, onde ressalta, também, que o mesmo não deve ser um espaço controlador nem condicionante, com muitas regras, mas que haja pessoas que saibam orientar os pequenos.

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

A proposta inicial desta pesquisa foi refletir sobre a importância do Letramento Literário na formação do aluno leitor, através de práticas diárias de leitura em sala de aula.

Com as respostas obtidas através dos acervos bibliográficos pode-se constatar a real importância que a contribuição dos profissionais de educação tem no processo de letramento literário na escola, sendo que esse processo é tão importante na vida do aluno que passa a ser constante, pois se inicia em diversas fases da vida do ser humano. Então se vê que iniciar o processo de letramento nos anos iniciais na escola é dar incentivo aos educandos para que estes possam seguir na construção do seu próprio conhecimento.

Por meio da pesquisa observa-se a importância de se levar em conta os conhecimentos prévios dos alunos quando os mesmos chegam à escola. Dessa forma, notam quais os conhecimentos e compreensões que possuem em relação ao mundo e meio onde vivem. Ressalta ainda o quanto a criança tem de contato com livros e variedades de gêneros textuais, facilitando assim sua alfabetização, ao mesmo tempo em que estabelece relação entre sons e letras que fazem parte da língua portuguesa, adquirindo a capacidade de conhecer os sons das palavras e associar o processo de leitura e escrita (SOARES, 2005).

O letramento é uma obrigação cultural, econômica e política, e a prática diária leva o indivíduo a refletir sobre suas produções escritas, suas práticas de leitura, e além de tudo ser crítico no que está lendo, adquirindo outros métodos de leitura (ROJO, 2010).

A ação da prática de leitura, onde o leitor entra num diálogo com o autor, é o que chamamos de letramento literário. É uma relação que se estabelece a partir do interesse do leitor com a obra e, sendo uma prática social, deve ser aplicada nas escolas. Por isso a importância de ser explorado esse letramento nas salas de aula, onde a leitura passa a ser um processo educativo, um hábito (COSSON, 2012).

Acreditamos que as relações afetivas entre o professor e o aluno podem facilitar e proporcionar prazer na leitura em classe, e com o incentivo, o desafio aumenta, contribuindo para que o educando busque o letramento, sinta-se confiante, facilitando, assim, encontrar maneiras agradáveis de se inserir no mundo letrado. Vemos que crianças ainda pequenas, se inseridas num mundo letrado, passam a conhecer e valorizar práticas de leitura e escrita na sala de aula (ASSUNÇÃO, 2009).

O incentivo do professor ao aluno deve ser permanente no sentido de colaborar no desenvolvimento do letramento, sendo que o professor tem possibilidade de fazer leituras de textos diversificados como: jornais, revistas, poemas, contos de fadas, etc. É através da leitura e da interpretação de diversidades de gêneros textuais que compreendemos os direitos e deveres reservados às pessoas dentro da sociedade; é onde se apropria de bens culturais; é através da leitura que são, também, transmitidos os valores sociais, culturais e morais, e isso ocorre de geração a geração. Notamos que no mundo de hoje é difícil criar na criança uma postura leitora, pois existem outros meios de comunicação que atraem mais facilmente a criança, como: televisão, internet, celular etc. Esses são apenas alguns, mas que acabam dificultando a introdução do letramento, e por isso, o professor deve buscar meios de oferecer diversidade de livros para as crianças, implantando essa rotina no currículo dentro do contexto escolar (GREGORM FILHO, 2009).

A pesquisa também teve por objetivo a preocupação que o professor deve ter com a qualidade de leitura que oferece aos alunos, onde a escolha dos livros deve atrair e garantir a eficácia, para que a mesma se torne um hábito prazeroso. O professor tem o papel de mediador e facilitador nesse processo ao incentivar a criança o gosto pela leitura, assim ela se torna produtora de suas próprias histórias, criam e viajam num mundo letrado, mesmo que ainda não esteja alfabetizada (REGO, 1995).

A preocupação com os espaços de leitura deve ser permanente no sentido de colaborar no desenvolvimento do aluno leitor; o ambiente deve ser favorável e agradável aos olhos dos mesmos, e apresentar variedade de livros. Esses, por sua vez, devem ficar numa altura adequada para que possam fazer suas escolhas, além de manuseá-los facilmente. O espaço deve ser aconchegante e não

controlador, e deve dispor de pessoas com conhecimentos específicos e estas devem estar dispostas a ajudá-los, se assim necessitarem. A escola é a responsável por criar um espaço e atmosfera que favoreça o processo cultural e social, e aliada ao professor, tem que desenvolver a consciência de formadores de opinião, ou seja, levar os alunos a se desenvolverem como leitor, cidadão, e futuramente, como profissionais (COELHO, 2000).

Nas escolas o letramento literário é composto por quatro conceitos: motivação, que é uma antecipação agradável de leitura e baseia-se em dialogar com os alunos sobre nossos mundos ou mundo dos adultos e os das crianças, fazendo com que escolham o tema de sua preferência a ser lido. Em seguida vem a introdução, que é onde entra a intervenção do professor para apresentar o que se adapte ao gosto do aluno, que desperte seu interesse, curiosidade, sinta prazer na descoberta das obras, tenha curiosidade por sua capa, seu colorido, conteúdos, ou seja, tudo que faz parte da obra em si. Logo vem a leitura que nada mais é do que o incentivo do professor ao apresentar o livro a ser lido, gerando a curiosidade nos alunos a respeito do conteúdo existente, ao ler uma parte do início e outra do fim. E por último, a interpretação que dá sentido ao texto, que é o encontro com o leitor, o autor e a comunidade. A escola é ainda a realidade mais coerente onde o aluno tem o primeiro encontro com o letramento, e por essa razão deve promover a leitura em seus espaços (COSSON, 2012).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo sobre Letramento Literário destaca a utilização de textos literários em sala de aula como meio para o letramento/alfabetização na Educação Infantil. No decorrer da pesquisa surgiram outros pontos referentes ao tema, como a precariedade de espaço de leitura na escola. A pesquisa revelou que o letramento literário ainda não é uma prática diária em sala de aula, e que ainda está muito longe de ser mais valorizada. Entretanto, os professores já possuem, de modo geral, uma maior consideração em relação ao letramento literário: a importância dos gêneros textuais para as práticas sociais dos alunos.

Dessa forma a leitura nos prepara para os mecanismos da linguagem oral e escrita, mas é também interminável no âmbito das ideias, o que nos privilegia na tarefa de escrever, produzir, interpretar e ampliar os conhecimentos adquiridos. Compreendemos também que ler e escrever faz parte constante da participação nas práticas sociais.

Os teóricos também salientam que a língua repercute os costumes e a cultura de uma sociedade, sendo que é através dela que o ser humano se expressa e se posiciona como seres críticos. Nessa análise refletimos também sobre o papel da literatura no ensino da língua materna, adequando-se a novas práticas, introduzidas em uma pedagogia lúdica cuja finalidade é a de auxiliar na prática do letramento literário desenvolvido com essas crianças.

E por fim, acreditamos que o trabalho com o letramento literário na Educação Infantil se desenvolve de várias maneiras: rodas de história e de leitura, brincadeiras com canções, através de teatros, e ainda aproxima a criança com a cultura de sua região e as culturas de forma geral.

Dessa maneira esperamos ter contribuído para chamar a atenção da importância do letramento literário nas escolas, acreditando, também, ter proporcionado uma proposta de ensino significativo com bases firmadas no letramento literário, bem como dar a oportunidade de conhecê-la e aplicá-la em sala

de aula. Vale destacar que uma proposta de letramento precisa reinventar-se a todo instante para todos os tipos de contextos, para que a criança se torne um leitor independente, capaz de se sair bem e se expressar em sociedade, sendo crítico e construtor de novos livros, textos e conhecimentos, tudo isso através do letramento.

6. REFERÊNCIAS

ARAÚJO, M.C de C.S. **Perspectiva histórica da alfabetização**. Viçosa: Universidade Federal de Viçosa, 1996.

ASSUNÇÃO, F.A. **Estratégias de Ensino**. – Belo Horizonte: Editora Educacional, 2009.

CAFIERO, D. **Língua Portuguesa: ensino fundamental/coordenação**. Coleção Explorando o Ensino. Brasília. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010.

COELHO, N.N. **Literatura Infantil: teoria.análise.didática**. 1. ed. São Paulo: Editora Moderna, 2000.

COSSON, R. **Letramento Literário: teoria e prática**. 2ª. Reimpressão. São Paulo: Editora Contexto, 2006.

_____. **Literatura: ensino fundamental/ coordenação**. Coleção Explorando o Ensino. Brasília. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2012.

GREGORIM FILHO, J.N. **Literatura infantil: Múltiplas Linguagens na Formação de Leitores** – São Paulo: Editora Melhoramentos, 2009.

KATO, Mary A. **No mundo da escrita: uma perspectiva**. 7 ed. São Paulo. Ática, 2009.

LEAL, T.F. et al. **Jogos e brincadeiras no ensino da Língua Portuguesa**. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Básica. Secretaria de Educação a Distância. Universidade Federal de Pernambuco, 2006.

MARTINS, M.H. **O que é literatura**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1982.

MARTINS, M.R. **Literatura: ensino fundamental /coordenação**. Coleção Explorando o Ensino. Brasília. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010.

OLIVEIRA, A.A. **Literatura: ensino fundamental/ Coordenação**. Coleção Explorando o Ensino. Brasília: Ministério da Educação Básica, 2010.

_____. **Linguagem na Educação Infantil III – Literatura Infantil**. NEAD. Cuiabá – MT: Editora UFMT, 2008.

REGO, L.L.B. **Literatura Infantil: uma nova perspectiva da alfabetização na pré-escola** / 2 ed. São Paulo: FTD, 1995.

ROJO, R. **Língua Portuguesa: ensino fundamental** /Coordenação. Coleção Explorando o Ensino. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010.

SILVA, R. M. **A Influência do professor Leitor na formação do aluno leitor de Texto Literário**. João Pessoa- Novembro, 2010, pg. 08-19-31-48.

SOARES, M. **Letramento: um tema em três gêneros**. 2. Ed., 5 reimp. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2002.

_____. **Alfabetização e Letramento**. São Paulo, Editora Contexto, 2005.

SOUZA, M. E.V. **Leitura de Professores e Alunos: entre o prazer e a obrigação**. Trabalho apresentado no Encontro Internacional Texto e Cultura. Fortaleza: UFC, 2008.

SPINDOLA, A. M de A. **Linguagem na Educação Infantil III – Literatura Infantil**. NEAD. Cuiabá – MT: Ed UFMT, 2008.

TERZI, S. B. **A Construção da Leitura**. Campinas, SP: Pontes, 4ª edição, 2006.

ZILBERMAN, S. B. **Como e Porque Ler a Literatura Infantil Brasileira**. Editora Objetiva. Rio de Janeiro, 2005.